

Aula 3

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS: UM ESTUDO PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

META

Tratar da concepção do gênero textual na atualidade, buscando mostrar a importância de sua diversidade para o ensino da leitura e da escrita; apresentar, também, alguns argumentos para diferenciar tipo textual de gênero textual, duas noções que, para Marcuschi (2002), devem ser claramente distintas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
definir gêneros textuais segundo as mais importantes teorias vigentes;
mostrar como/porque Bakhtin considerou fundamental a questão da diversidade e da heterogeneidade dos gêneros existentes, dada à complexidade da vida social contemporânea;
distinguir entre o que se convencionou chamar de tipo textual, de um lado, e gênero textual, de outro lado, dois conceitos nem sempre analisados de forma clara no ensino da língua materna.

PRÉ-REQUISITOS

Para início de conversa, é muito importante que você já tenha algum conhecimento sobre as reflexões que vamos fazer nesta terceira unidade acerca de várias conceituações relevantes no campo dos estudos linguísticos sobre os gêneros e tipos textuais. Antes de você começar a ler este assunto, propomos uma releitura da aula anterior, o que lhe vai orientar, também, no entendimento sobre os diversos gêneros, os quais estão, cada vez mais, sendo utilizados no ensino da leitura e da escrita.

INTRODUÇÃO

Car@ estudante,

A partir do que já vimos, nas unidades anteriores, acerca da concepção da linguagem humana, podemos dizer que esse fenômeno é a condensação das experiências histórica, cultural, social dos membros de uma sociedade. Significa dizer que esse tipo de abordagem leva o homem/sujeito a não dispor de categorias fixas e prontas, de fenômenos acabados, mas definidos na relação de um com o outro, porque cada um só existe ou passa a existir no contexto em que outros fenômenos também passam a ter existência, havendo, assim, uma relação de simultaneidade, já que não se tem a língua, a linguagem e o sujeito prontos e acabados, e sim, num processo contínuo, dinâmico, em movimento.

A linguagem é, pois, tudo o que permite a interação entre os seres humanos, visto que estamos falando da linguagem verbal presente num conjunto de palavras, as quais se articulam, de forma adequada, para construir uma multiplicidade, bem diversificada, de gêneros textuais. O nosso objetivo aqui é que você conheça aspectos básicos envolvidos nas reflexões teóricas não só sobre gêneros, mas também sobre tipos textuais, e que lhe tenham despertado o interesse para no futuro se envolver em estudos mais complexos sobre essa temática.

Você já deve ter percebido que é, justamente, nesse universo de interação que se constituem todas as maneiras de falar dos sujeitos nas suas práticas sociais, nas suas atividades sociocognitivo-interacionais, no âmbito das atividades de linguagem, como bem diz Marcuschi (2003, p. 132) ao se referir à concepção de língua, pois, para ele, a língua não é “um simples sistema de representação mental nem um sistema de comunicação apenas. Ela se manifesta como uma atividade social e histórica desenvolvida interativamente pelos indivíduos com alguma finalidade cognitiva”, ou seja, com o propósito de construção e compreensão de sentidos.

Koch (2002) a vê simultaneamente como um sistema e como uma prática social. É vista, inicialmente, como um conjunto de elementos inter-relacionados que se manifesta em vários níveis de organização (fonológico, morfológico, sintático, semântico), mas que só se configura no interior do meio social, lugar de interação dos grupos sociais. Portanto, a língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, como forma de interação entre aqueles que a compõem. Nesta aula, tomando-se por base essas breves reflexões introdutórias, vamos aos estudos dos gêneros e tipos textuais, procurando, a partir de perspectivas teórico-descritivas, ser objetivo, coeso e coerente, para que você compreenda mais de perto esses dois fenômenos textuais, produzidos por sujeitos sociais, e em constante processo de elaboração e reelaboração dos sentidos de textos.

O ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS: UM FÉRTIL DOMÍNIO INTERDISCIPLINAR

O estudo dos gêneros textuais tem sido nas últimas décadas um campo da linguística muito fértil, sobretudo, no que diz respeito à linguagem em uso e às atividades culturais, cognitivas e sociais, já que se procura ver os gêneros como entidades dinâmicas de ação social, e não, como modelos estanques, formas estruturadas, rígidas, acabadas.

No interior de uma concepção da linguagem em funcionamento (em uso), o estudo dos gêneros textuais está, cada vez mais, tornando-se um empreendimento multidisciplinar, visto que engloba uma análise textual/discursiva, uma descrição da língua e uma visão do social, além de levar em consideração questões histórica e sociocultural no uso da língua em seu cotidiano, nas mais diversas formas de comunicação de nossa sociedade. Dessa forma, são várias as perspectivas de se discutir e distinguir que o gênero pode ser uma categoria cultural; um esquema cognitivo; uma forma de ação social; uma estrutura textual; uma forma de organização social; uma ação retórica. O gênero, de acordo com Marcuschi (2008), pode ser certamente, ao mesmo tempo, tudo isso. O que nos vai dar a ideia da complexidade desse fenômeno da linguagem.

A questão sobre como se formam e o que caracteriza grupos de enunciados relativamente estáveis em relação às práticas sociais que envolvem tais grupos é muito antiga, com uma longa história, desse o período clássico. Como se pode ver, a discussão dos gêneros da linguagem já era acirrada entre os gregos. Para Aristóteles, o papel da retórica era o de estudar os processos persuasivos que possam existir em cada situação discursiva. O filósofo passa a pensar a forma do texto não como uma abstração, mas como algo que depende da situação discursiva em que está envolvida, variando em cada gênero, que para esse filósofo, eram três: o judiciário (pautado na ideia do justo), o deliberativo (na ideia do útil) e o demonstrativo (na ideia do belo).

Essa noção aristotélica sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros foi desenvolvida amplamente na Idade Média. Se com Aristóteles os gêneros se distribuíam em três categorias (a epopeia, a tragédia, a comédia) e se depois passaram a dizer respeito a categorias literárias que se foram ampliando e subdividindo até entrarem em crise com a crítica do romantismo à estética clássica, atualmente, a concepção de gênero ampliou-se para toda produção textual. Na realidade, o estudo dos gêneros, no momento, é um fértil terreno de investigação, o qual vem sendo usado de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior, mas numa perspectiva diferente da aristotélica.

Uma segunda concepção sobre a história do estudo dos textos, embora não se possa dizer, ainda hoje, que se tenha uma visão suficientemente clara sobre o que caracteriza os vários textos que perpassam atividades languagei-

ras, só surgiu em meados do século XX com Mikhail Bakhtin (1953), citado por Bonini (2002), a partir da expressão gênero do discurso (denominação bakhtiniana), desenvolvendo assim uma nova concepção sobre cada esfera da atividade humana que elabora seus enunciados no interior de uma dada situação discursiva. Para esse teórico russo, o gênero do discurso é um tipo relativamente estável de enunciado que é, por sua vez, uma unidade básica da comunicação, delimitada pelas trocas comunicativas entre os interlocutores. E sobre a sua constituição, Bakhtin (1992) afirma que

para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica [...] (BAKHTIN, 1992, p. 301-2).
(grifos do autor)

As reflexões bakhtinianas, em geral, sobre linguagem centram-se em uma noção de diálogo, tomado como um princípio fundamental daquela atividade. Para ele, toda linguagem é dialógica, ou melhor, todo enunciado é sempre um enunciado de um locutor para o seu interlocutor. Ele pressupõe que o esforço na construção e/ou reconstrução de uma ação discursiva é compartilhado pelos interlocutores, tratando-se, dessa forma, de uma perspectiva de interação verbal voltada para a subjetividade desses sujeitos envolvidos no processo comunicativo. Isso significa dizer que a comunicação aqui é vista não como a transmissão de informações de um indivíduo (produtor) para outro(s) (receptor), mas como uma modelação mútua de um mundo comum através da ação conjunta, interativa, entre esses sujeitos sociais.

Assim sendo, o gênero do discurso, segundo o conceito bakhtiniano, é visto como a forma do enunciado e, embora apresente regras de estruturação, não é, para esse autor, uma forma linguística, dado que só existe como ação de linguagem considerada na sua totalidade comunicativa, mas um gênero, sim, visto que suas regras têm uma relação mais imediata com o contexto social e interacional-discursivo dos usuários da língua. Portanto, a noção de gênero de Bakhtin leva em consideração não só aspectos da interação verbal, mas também condições sócio-históricas de produção e recepção da linguagem. É, pois, importante considerar que a base teórica sobre a qual assentamos esta unidade é tributária da perspectiva bakhtiniana. Vejamos como o autor inicia suas reflexões sobre a questão e/ou problemática dos gêneros:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e cada esfera

dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais ou escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as várias formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). [...] Não há razão para minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e a consequente dificuldade quando se trata de definir o caráter genérico do enunciado (BAKHTIN, 1992, 279-280-281).

Bakhtin, nessa citação, mostra como é fundamental a questão da diversidade e da heterogeneidade dos gêneros existentes. Dada à complexidade da vida social contemporânea, os gêneros são inúmeros como: poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, lista telefônica, cardápio de restaurante, conversa espontânea, telefonema, resenha, e-mail, blog, para citarmos apenas alguns exemplos. Os gêneros contribuem, assim, para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Como é possível perceber pelos elencados acima, a diversidade dos gêneros é uma realidade pelo fato de que eles podem apresentar formas tão diversas quanta são diversas as atividades humanas. Logo, podem ser chamados gêneros textuais tanto uma conversa informal entre duas pessoas como uma conferência; tanto um relato oral produzido no interior de uma conversa como uma lei constitucional; tanto um relatório de estágio como uma crônica de viagem. Presenciamos, assim, uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais (MARCUSCHI, 2002). A diversidade de funções que um mesmo gênero pode exercer é um exemplo de como é difícil tratar dos traços comuns a todos os gêneros.

Uma carta, por exemplo, pode ser a forma de organização textual-discursiva escolhida por alguém para escrever a sua opinião sobre um determinado tema. Assim, temos um gênero que deixa de ser produzido e de circular em uma esfera de comunicação privada (escrever uma carta para um membro da família ou amigo) para ser um gênero que será produ-

zido e circulará em uma esfera pública (escrever uma carta-argumentativa, dirigida a uma autoridade, como a redação de vestibular). Nesse sentido, não é possível dizer que determinados conteúdos estão definitivamente vinculados a determinadas formas: o formato que servia para veicular conteúdos de caráter pessoal passa a veicular outros conteúdos, sendo que alguns aspectos formais ainda ficam preservados, por exemplo, a escrita em primeira pessoa; a interpelação direta do interlocutor ao qual a carta se dirige; a fórmula de como inicia e termina uma carta. No entanto, os conteúdos e o estilo das duas cartas serão diferentes, já que os dois (carta-pessoal e carta-argumentativa) exercem funções diferentes e se destinam a diferentes interlocutores.

A noção de gênero, a partir do final da década dos anos 80, tomou o centro de um grande debate que tem possibilitado o surgimento de várias e fecundas abordagens teóricas, já que pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento têm-se dedicado mais sistematicamente ao estudo dos gêneros e isso pode ser confirmado pela crescente expansão do número de publicações que tratam especificamente dessa temática, reconhecendo explicitamente a primazia do social na compreensão dos gêneros e no papel do contexto para a produção dos sentidos.

Essa visão básica que tem orientado as pesquisas nos últimos trinta anos sobre gêneros rompe com as abordagens tradicionais sobre língua/linguagem e com as estruturalistas, pois já não dão mais conta de responder dúvidas, inquietações, problemáticas e desafios que se colocaram para os estudos centrados nos traços formais ou propriedades linguísticas do texto, ou melhor, na palavra, na frase ou na sua estrutura interna. Os problemas vão desde o domínio de regras simples de construções sintáticas e usos léxico-gramaticais a dificuldades de compreensão e organização de ideias e informações. Quanto a isso, é bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos e, sim, por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma (MARCUSCHI, 2002). No item a seguir, vamos mostrar a você, de maneira mais sistemática, como devemos entender a noção de tipo textual porque acreditamos que os tipos textuais (por exemplo, a narração, a descrição e a dissertação) constituem construções linguísticas necessárias para, entre outras coisas, garantir, por parte dos alunos, um domínio mais consciente dos gêneros, em especial dos gêneros que jogam com a heterogeneidade.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS TIPOS TEXTUAIS

Durante muito tempo, o ensino de língua portuguesa esteve atrelado a uma concepção tipológica de texto: narração, descrição, argumentação/dissertação. Em outras palavras, o estudo do texto no contexto escolar, de

um modo geral, restringiu-se a uma abordagem centrada nas características linguísticas das sequências verbais que compõem cada um desses tipos textuais, com quase nenhum vínculo com as práticas sociais da linguagem. Portanto, você já deve ter percebido que a noção de gênero não se confunde com a noção de tipo textual.

É partindo desse pressuposto que Adam (1991), citado por Koch e Elias (2007), afirma que uma narrativa ou uma descrição diferem uma da outra e também de outras narrativas e outras descrições. Propõe ainda situar a tipologia de sequências em um conjunto mais amplo e complexo dos planos de organização da textualidade. Concebendo o texto como uma estrutura sequencial heterogênea, o autor afirma ser possível observar a diversidade e a heterogeneidade do texto, bem como definir linguisticamente alguns aspectos dessa complexidade.

Por sua vez, Marcuschi (2002, p. 23) afirma que “os tipos textuais constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos”. Teoricamente, os tipos são designados como narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos ou injuntivos (grifos do autor). Ele enfatiza que os gêneros textuais são construídos por dois ou mais tipos, em geral. A presença de vários tipos textuais em um gênero é denominada de heterogeneidade tipológica.

É importante você perceber que tal estudo visa trazer à tona um amplo debate recorrente na academia de que na prática o ensino da língua portuguesa ainda está muito relacionado à gramática tradicional, desconectado da prática textual. E que toda essa nossa discussão está sendo feita a partir da noção de gênero discursivo (e/ou textual) à luz da teoria bakhtiniana (1922). É nesse sentido que se pode afirmar que um texto é tipologicamente heterogêneo porque pode articular diferentes sequências em seu interior. Sendo assim, é possível reconhecer a importância dos aspectos tipológicos (narração, descrição, argumentação) para o desenvolvimento de competências de leitura e de escrita, associados a certos domínios sociais, de forma que o trabalho com os tipos textuais seja também contextualizado.

Para que você possa melhor perceber as diferenças e as necessárias articulações entre gênero textual e tipo textual, vejamos o que nos diz Marcuschi (2002) sobre essas duas importantes categorias:

Em geral, a expressão ‘tipo de texto’, muito usada nos livros didáticos e no nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas um gênero de texto. Quando alguém diz, por exemplo ‘a carta pessoal é um tipo de texto informal’, ele não está empregando o termo tipo de texto de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar. Uma carta pessoal que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, horóscopo, receita médica, bula de remédio, poema, piada, conversa casual, entrevista jornalística, artigo científico, resumo de um artigo, prefácio de um livro. É evidente que em todos esses gêneros também estão se realizando

tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é tipologicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso da carta pessoal, que pode conter uma sequência narrativa (como uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de algo), uma descrição (descreve uma situação) e assim por diante (MARCUSCHI, 2002, p. 25).

Assim, você pode verificar que os aspectos tipológicos dos textos, além de serem um dos princípios que permite agrupar gêneros, também se caracterizam por apresentar um funcionamento linguístico e textual específico. Por isso, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. É nesse sentido que se pode dizer que um texto é tipologicamente heterogêneo, pois pode articular diferentes sequências em seu interior. Ao longo dessa nossa explanação, procuramos mostrar as diferenças entre gêneros e tipos textuais, além de mostrar que é possível abordar os gêneros textuais considerando também o conhecimento sobre os aspectos tipológicos que os constituem.

Marcuschi (2002, p. 23) apresenta um quadro sinóptico das diferenças entre tipos textuais e gêneros textuais. Logo abaixo, vamos transcrevê-lo, para você melhor visualizar as diferenças entre essas duas categorias importantes para o ensino da leitura e da escrita.

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.	1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas.
2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal.	3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determina das pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.
4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. Exemplo de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.

Esse quadro contempla uma série de aspectos já expostos ao longo das bases teóricas aqui trazidas e considerando os objetivos do ensino proposto. Dentre outros aspectos (gramaticais, ortográficos), a questão do agrupamento de gêneros se dá em decorrência das cinco modalidades retóricas (narração, argumentação, descrição, injunção e exposição), que correspondem aos tipos textuais, aqui, tratados como sequências tipológicas no interior de cada gênero. Em suma, o que se pode dizer é que as sequências tipológicas são importantes para as práticas da leitura e de escrita no processo ensino-aprendizagem. Na aula quatro, continuaremos falando dos gêneros textuais, destacando o tratamento que vem sendo dado à questão dos domínios discursivos de produção, circulação e recepção de textos, no interior dos quais, os diversos gêneros são produzidos e compreendidos pelos sujeitos do discurso a quem são destinados.

CONCLUSÃO

De acordo com o que vimos nesta aula de hoje, é preciso destacar a relevância dos estudos dos gêneros textuais para o ensino da leitura e da escrita, já que eles existem em grande quantidade e diversidade como práticas sociocomunicativas. São dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, dando origem, em muitas ocasiões, a novos gêneros. O e-mail, por exemplo, é uma prática social e comunicativa, propiciada pelas recentes invenções tecnológicas, decorrente da variação do gênero carta. É nesse sentido que acreditamos que o ensino da leitura e da escrita é um trabalho que pode ter como ponto de partida um olhar mais demorado sobre determinados gêneros. Para finalizar estas reflexões e/ou observações sobre o tema em pauta, podemos dizer que o ensino da leitura e da escrita com gêneros textuais é uma grande oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos no dia-a-dia.



RESUMO

Os gêneros textuais, como já sabemos, existem em grande quantidade porque, como práticas discursivo-cognitivas, são dinâmicos e, cotidianamente, resultam em outros gêneros, isto é, em gêneros novos. É por essa razão que são incontáveis as vezes em que não só lemos textos diversos e heterogêneos, como também produzimos ou ouvimos enunciados como: “escrevi alguns e-mails”; “já escrevi minha monografia”; “falei sobre o cordel encantado”; “o bilhete o deixou triste”; “vou lhe enviar o texto”; “recebemos seu recado”; entre tantos outros. Em consonância com as

posições teóricas de pesquisadores aqui elencados, partimos, então, do pressuposto de que não é possível se comunicar verbalmente a não ser por meio de algum texto, isto é, partimos da concepção de que o processo da comunicação verbalizado só se realiza via o uso de algum gênero textual. Tal posicionamento, defendido por estudiosos como Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) é também adotado por muitos outros pesquisadores que tratam a noção de língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, em outras palavras, privilegiam uma perspectiva de língua como atividades social, histórica, cognitiva e dialógica que definem a produção, a circulação e a recepção dos gêneros. É nesse contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o, de algum modo, em permanente (re)elaboração. No que diz respeito aos aspectos tipológicos do texto, devemos salientar que a distinção entre gêneros e tipos textuais é fundamental em todo o trabalho com o ensino da leitura e da escrita. Para que você possa melhor perceber as diferenças e as necessárias articulações entre essas duas categorias é de suma importância observar a realização desses gêneros a partir das reflexões bakhtinianas aqui discutidas.



Para o sujeito falar, como você pôde ver nesta aula de hoje, ele vai se utilizar sempre dos gêneros do discurso. Isso significa dizer que possuímos um rico repertório de gêneros (orais e/ou escritos), para ser utilizado nas práticas sociodiscursivas de qualquer usuário da língua. Aprender a falar é, pois, aprender a organizar enunciados, porque o indivíduo fala por meio de enunciados e não por orações isoladas. Portanto, os gêneros organizam a fala dos sujeitos sociais. Agora, diante da multiplicidade de gêneros existentes e diante da necessidade de escolha, propomos que você reflita e discuta sobre as questões a seguir:

- Será que existe algum gênero ideal para o tratamento em sala de aula? Ou será que existem gêneros que são mais importantes que outros?
- O que uma propaganda, por exemplo, teria em comum com um relatório de estágio a ponto de podermos denominar estes dois modos de organização da linguagem como gêneros?
- Você vai escolher alguns gêneros e apontar as sequências tipológicas subjacentes, identificando quais são as predominantes.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

No entendimento e/ou produção de qualquer texto, o contexto linguístico (o cotexto) orienta o sujeito leitor/autor, por ocasião da interação verbal, na construção dos sentidos por meio do uso de cadeias referenciais, isto é, cadeias coesivas. Entretanto, além do material linguístico expresso na superfície do texto, a construção (e/ou reconstrução) de sentidos de um enunciado qualquer se realiza à medida que o sujeito do discurso considera aspectos contextuais que dizem respeito ao seu conhecimento prévio de língua, de mundo, de situação comunicativa, enfim, dos conhecimentos armazenados na sua memória. Acreditamos que, nesta aula, você ampliou seu conhecimento de mundo sobre alguns processos vinculados ao ensino da leitura e da escritura de textos.



AUTOAVALIAÇÃO

Final da nossa aula. Agora preciso fazer minha própria avaliação sobre o que aprendi. Será que consigo dialogar com as noções expressas sobre os gêneros e tipos textuais?! Bom, vou pensar nisso como se eu tivesse que fazer uma arguição oral, agora, sobre o que foi discutido durante a aula e, em caso de necessidade, vou tentar destacar as informações mais relevantes do texto lido, ou ainda vou procurar o tutor desta disciplina e, conjuntamente, vamos discutir as questões pendentes.



PRÓXIMA AULA

Visamos, na aula (04) seguinte, continuar os estudos sobre os gêneros nas modalidades de uso da língua da oralidade e da escrita no enquadre dos respectivos domínios discursivos. Vamos afirmar, de antemão, que nas últimas décadas tem sido uma espécie de “explosão” (MARCUSCHI, 2008) de trabalhos na área, tendo em vista que hoje o ensino de línguas anda bastante centrado em uma grande diversidade de gêneros (orais e escrito).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENTES, Anna Christina. Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BONINI, A. **Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos**. Florianópolis/SC: Insular, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, a. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- SCHENEUULY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.